

Nuno Costa Santos

# Céu Nublado com Boas Abertas

## Não se fatigue demasiado



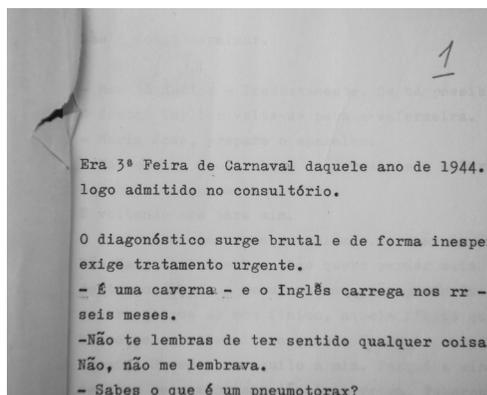
CASA DOS MEUS AVÓS MATERNOS, bairro lisboeta da Estefânia, defronte de uma fotografia a preto e branco do casal em pose de estúdio. Cada um a olhar na sua direcção. A minha avó sorri de uma forma meiga e juvenil, como o faz ainda aos seus noventa e poucos anos. Olhos meigos, sorriso doce e aberto. O meu avô também sorri. Mas o seu sorriso é outro. Oblíquo, sem revelar os dentes.



Estou sentado na poltrona onde o meu avô se costumava sentar e onde, com cinco, seis, sete anos, o vi várias vezes, acompanhado de uma garrafa de oxigénio comprida e estreita de onde saíam tubos que se ligavam às suas narinas. Um homem doente.

Baixo a cabeça e volto a olhar para um livro que escreveu sobre a sua vida. Folheio-o. Estão lá os episódios de que fui sabendo, em escassas pistas verbais. Acabo de encontrá-lo, é uma revelação. Sabia do interesse do meu avô pela literatura, desconhecia o seu gesto de contar a sua história com um tom que parece procurar o pormenor dos factos mas também fazer uso dos artifícios da invenção literária.

São vários volumes, alguns dactilografados, outros escritos à mão, além de dossiês e cadernos com anotações dispersas em letra miudinha. Encontrei-os quando fazia uma revista aos livros das estantes como quem faz a revista a um exército de soldados ao qual já ninguém liga.



O primeiro volume abre desta forma: *Era 3.ª Feira de Carnaval daquele ano de 1944. A sala de espera está vazia. Sou logo admitido no consultório. O diagnóstico surge brutal e de forma inesperada: uma lesão no pulmão esquerdo, exige tratamento urgente.*

*– É uma caverna – e o inglês carrega nos rr – que já deve ter pelo menos uns seis meses.*

*– Não te lembras de ter sentido qualquer coisa? – inquiriu.*

*Não, não me lembrava.*

– *Sabes o que é um pneumotórax?*

O meu avô sabia. Ou pelo menos tinha a ideia de que consistia numa imobilização artificial do pulmão, usada no tratamento de lesões de certa gravidade.

– *É o tratamento que se aplica no teu caso – afirma, peremptório, o médico.*

– *Conheces a Elmira Roma?*

– *Sim. Conheço.*

– *E o Francisco Taveira?*

– *Também conheço.*

– *Fizeram esse tratamento e estão curados – esclarece o Dr. Tayllor. – O Taveira ainda o faz, mas já está curado e a trabalhar. Quando queres iniciá-lo? – acrescenta.*

O início da história do combate entre João Pereira da Costa e a sua doença. E também, percebo nos parágrafos a seguir, o princípio de uma zanga com o médico que o atendeu, cirurgião inglês que havia passado a infância na cidade da Horta onde o pai dirigia uma companhia de cabos submarinos e fora viver para a ilha de São Miguel com a mulher, também ela médica.

*Preciso de toda a minha força para me controlar. Uma revolta súbita, impetuosa quer irromper dentro de mim. Mas como? Então o meu estado é assim tão grave? Porque foram necessários dois meses para diagnosticar uma caverna (palavra horrível) que à radiografia exigia de imediato um tratamento de pneumotórax?*

Era a urgência em reagir ao *traíçoeiro* ataque a um físico de que se orgulhava. Pronunciar a palavra *tuberculoso* já contaminava o ar. Seria sempre, no máximo, um ex-tuberculoso ou um tuberculoso em potência.

Ao saber da notícia, recordou Eugénia, uma amiga da freguesia que, afectada pela mesma doença, sobrevivera durante

uns meses, pálida, magra, transparente, febril. A mãe era a única pessoa que se aproximava dela. Não conseguia ter empregadas ou quem lhe lavasse a roupa. Nem os vizinhos se chegavam. Nem a irmã casada e muito menos o seu rancho de filhos.

Um dia a mãe trouxe-lhe uma castanha cozida e descascada. Não tinha apetite. Começou a comer num esforço visível para vencer a repugnância que lhe causava a comida e engasgou-se. Tossiu e apelou com os olhos aflitos para o meu avô.

*Corri e, sustentando-a por debaixo dos braços, levantei-a um pouco e sentei-a na cama, aconchegando-lhe as almofadas. Estava toda transpirada e trémula, a pobrezinha.*

Logo que abandonava a amiga tomava um duche, mudava de roupa e desinfectava-se com álcool. Não lhe era fácil controlar o medo, que entendia como uma traição à amizade.

Eugénia morreu pouco tempo depois. Ficaram as saudades e os remorsos. A mesma culpa surgiu quando, depois de ter cumprimentado com um aperto de mão um homem chegado do Caramulo, tuberculoso na laringe, muito rouco, se dirigiu à primeira farmácia para desinfectar a mão.

Ao saber da notícia, um amigo da família sugeriu uma receita de curandeiros, muito procurados nas zonas de São Miguel sem acesso fácil aos hospitais: petróleo. Umas gotas de petróleo, tomadas com açúcar, iriam curá-lo. Citava um exemplo, de Manuel Bento. *Vinte anos depois estava vivo e são na Achada para o confirmar.*

Seis meses antes encontrava-se, com saúde, imobilizado na parte oriental da ilha e fora por esse mesmo facto que passara pela aldeia onde agonizava Eugénia. Há pouco mais de seis meses tinha sido inspeccionado, numa operação de rotina, pelo médico do regimento.

– *Vocês, os furriéis, estão em muito melhor forma que os soldados.*

Um cumprimento ao seu físico e um orgulho para os seus vinte e seis anos.

*Mas agora subitamente dava-me conta... Já naquela altura começava a sentir qualquer coisa que me desgostava.*

Vinham-lhe à memória os momentos em que arfava nas subidas e comentava com os soldados de vinte anos que a idade começava a pesar-lhe. Tentou encontrar as origens da doença numa triste enumeração de causas prováveis no quartelamento que habitara durante a tropa.



Fora desterrado para a Lagoa das Furnas para substituir um colega que tinha morrido. Mais tarde seria informado de que a causa da morte fora uma tuberculose galopante.

*E eu fui utilizar a cama, os lençóis, os cobertores dele, sem qualquer desinfecção.*

A doença encontrara o melhor dos ninhos.

*Aquele quarto bolorento de humidade, o vento pelas frinchas da telha vã, as noites dormidas nas sapas, a comida intragável do rancheiro, a aldeã lúbrica e insaciável que se metia no quarto. Tudo isso e o tédio e a ânsia de regresso à vida civil.*



Fecho o livro. Volto a olhar para a estante. Nenhum dos livros bate continência. E são muitos. Livros de História, biografias, romances, defesas teóricas do socialismo, ideologia na qual o meu avô acreditava, incentivado pelas desigualdades sociais da terra onde se fizera.

Coloco os volumes dentro da mochila e, nesse movimento, cai um papel na alcatifa.

Apanho-o e leio-o:

*se tiver um descendente que se interesse pela escrita, peça-lhe para ir a São Miguel e trazer no regresso um conjunto de histórias do presente da ilha.*

Abaixo, um conselho:

*Mas não se fatigue demasiado. Que viva a vida que não conseguí viver.*

Mais nada.

Pedido lacónico, herança inesperada esta de fazer de narrador de alguns episódios actuais de uma ilha dos Açores.

Olho para uma fotografia dele. Está de boné, com a cara fechada, mais fechada do que na fotografia com a minha avó. Cresce-me o sentimento de gratidão por me ter revelado uma biblioteca que define em grande parte aquilo que faço e sou. De empatia pelo que sofreu e registou em estilo romanesco num livro que nunca chegou a editar.

Tomo a decisão ao atravessar o corredor de livros que me leva à porta do apartamento.

Vou corresponder ao seu pedido.